

Vestígios do sujeito: um percurso por discursos da rebornagem no ciberespaço

(Des traces du sujet: un chemin à travers les discours sur renaît dans le cyberspace)

Ane Ribeiro Patti¹, Lucília Maria Sousa Romão²

^{1,2} Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade São Paulo (USP)

anepatti@hotmail.com, luciliamsr@uol.com.br

Résumé: L'objectif de cet article est de présenter quelques réflexions sur la notion de sujet discursif dans l'Analyse du Discours proposée par Pêcheux et son interface avec la psychanalyse freudienne relue par Lacan. Ce sujet de/dans l'histoire, entre signifiants du discours idéologique et du discours de l'inconscient, est un sujet non immédiatement identifiable par l'entremise d'un discours scientifique positiviste et cartésien, car il n'est pas empirique, même s'il se matérialise dans la langue et dans l'histoire à travers tous les discours. Il révèle, en fonction de sa position et de ses filiations, les formations idéologiques qui sont à la base des Formations Discursives et qui régulent les significations possibles et impossibles de tout intra-discours. Notre fragment de corpus est constitué d'extraits d'un discours posté sur Internet concernant les bébés Reborn, un phénomène du monde contemporain impliquant des sujets-femmes qui vivifient le mort (et qui mortifient le vivant).

Mots-clés: Analyse du discours selon Pêcheux; vivification du mort ; sujet du discours ; bébés reborn ; cyberspace.

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre a noção de sujeito discursivo de acordo com a Análise do Discurso proposta por Pêcheux e sua interface com a psicanálise freudiana, com releitura de Lacan. Esse sujeito da/na história, entre significantes do discurso ideológico e do discurso do inconsciente, é um sujeito que não é reconhecível pelo discurso da ciência positivista cartesiana de forma imediata, pois não é empírico, ainda que se materialize na língua e na história em todo discurso. Ele revela as formações ideológicas que sustentam as formações discursivas que regulam os sentidos possíveis e impossíveis a todo intradiscorso, conforme se posiciona e se filia. Nosso fragmento de corpus é um recorte de um discurso postado na internet sobre a rebornagem, fenômeno de nossa contemporaneidade constituído por sujeitos-mulheres que vivificam o morto (e, na dialética, mortificam o vivo). (Fapesp 2011/01395-3)

Palavras-chave: Análise do Discurso pecheutiana; vivificação do morto; sujeito do discurso; reborn babies; ciberespaço.

Este artigo pretende trabalhar a questão da “vivificação do morto” à luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa proposta por Michel Pêcheux e da Psicanálise, fundada por Sigmund Freud e relida por Jacques Lacan. Essa “vivificação do morto” encontra-se sob a roupagem de práticas discursivas diversas em nossa contemporaneidade, porém dedicamo-nos a estudar um traço desse sintoma cultural, um sítio discursivo em que emerge um fenômeno recente na História, o universo *reborn* e toda (não toda) uma produção discursiva sobre esse produto de mercado do capitalismo tardio.

Os *reborns babies*, como são conhecidos, são bonecos que evocam um bebê real em sua aparência, tanto por seus traços bem trabalhados por uma artesã/artista, quanto pela forma como são discursivizados por suas colecionadoras, as chamadas “mamães *reborns*” ou *reborneiras*, que os colocam a circular socialmente, produzindo seus efeitos.

Feitos a partir de moldes e kits, os *reborns* são montados e “rebornados” com um sofisticado acabamento devido a um ideal que emerge como norte das artesãs: que eles sejam realísticos. Esse termo ressoa pelos discursos das consumidoras, que colocam outros termos nessa rede significante: eles são “perfeitos”, “lindos”, “maravilhosos”, “parecem vivos”, vivo que é evocativo do morto¹ na dialética psíquica-linguagem (FREUD, 1996).

Apesar de uma vasta busca em bancos de dados acadêmicos de todo o mundo, não encontramos nenhuma produção científica que retomasse a historicidade desses bonecos. Porém, na internet, diversas *reborners* (artesãs) contam essa história a seu modo, conforme ouviram “lá fora” em cursos para aprenderem a “arte *reborn*”. Um desses relatos, de Lara’s Babies Nursery,² narra que essa arte nasceu no pós-guerra quando as mães tentavam recuperar bonecos destruídos ou estragados pela guerra para darem “renascidos” aos seus filhos e demais crianças. Uma das pioneiras no Brasil (LIMA, 2011), Monickie Urbanjos³ também conta sua versão, de forma a deixar em suspenso como enigma a origem dessa técnica. A técnica foi se aprimorando assim como os materiais foram se sofisticando, de forma a chegar no Brasil, por volta de 2003 em sua versão já conhecida, com a busca incessável pelo alcance da perfeição e do realismo. A questão de como um *reborn* funciona discursivamente em seu entorno nos interessa como material simbólico que reclama uma interpretação, por isso a questão da técnica figura somente em segundo plano, pois a atualização discursiva posta em circulação na internet revela que o que se diz deles e através deles vai além de uma questão do brincar de boneca na vida adulta, revela a história do chão capitalista onde esses discursos se assentam e relançam ao futuro as ressignificações do ser mãe, mulher, adulta, fronteiras que substantivavam o ser e que agora se encontram com fronteiras borradas.

A história dessa arte se enlaça à da internet, pois foi com a difusão da rede que esse nicho de mercado encontrou o seu lugar, e foi catalisado e amplificado em escala mundial com diversas ofertas de mercado: com proliferação de cursos, de *sites* de venda, de comunidades em redes sociais que promovem encontros, trocas de experiências, trocas de informações etc. As colecionadoras logo advieram, nas tramas discursivas do capitalismo selvagem que dita “quanto mais, melhor”. Um canal da TV inglesa, BBC, produziu então um documentário⁴ que se tornou popular na rede, em que apresentam a arte *reborn*, algumas histórias de colecionadoras e o levantamento da questão relativa a possível patologização dessas mulheres que se apaixonam e colecionam compulsivamente os *reborns*. Não será nosso percurso, pois com a AD o que pretendemos fazer é observar o funcionamento linguístico de discursos promovidos em torno do universo *reborn*, seus efeitos de sentidos, seu engajamento nas formações imaginárias/ideológicas de onde se filiam para produzir sentidos e silenciamentos.

1 Não por acaso, nas apresentações em Congressos e reuniões científicas, os presentes verbalizavam sobre esse estranhamento diante das imagens que apresentamos, enunciando sobre essa fronteira opaca que constitui as aparências no imaginário sobre vivo e morto: “Nossa, parece que tá morto” ou “Olha, parece que tá vivo”, “É mesmo idêntico ao bebê humano”, “Que horror”, etc.

2 O leitor que se interessar pelo depoimento pode lê-lo na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.larasbabies.com/ahistriadaartereborn.htm>>.

3 Remetemos o leitor ao depoimento da artista, disponível no endereço eletrônico: <<http://www.monickieurbanjos.com.br/galeria/baby-boy/historia-da-arte-reborn/>>.

4 O documentário encontra-se disponível no endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=PzEqYhUZAoc>>.

A temática se apresenta como desdobramento de uma dissertação de mestrado (PATTI, 2009) onde a mortificação do vivo, representada pelo uso de crianças e jovens adolescentes pelo narcotráfico, se revelou como um dos efeitos do discurso capitalista neoliberal que produz uma lógica da mercadorização em que até sujeitos são tomados objetos. Escutando a mortificação do vivo, ocorreu-nos investigar sobre o lado reverso desse processo de mortificação do ser vivo, o que culminou no trabalho presente de verificar, agora, o funcionamento discursivo que produz efeitos de vivificação do morto, do inanimado, dando escuta social a um sítio discursivo que inscreve a criança-boneco (*reborn babies*) feita (de) viva, em que o morto é discursivizado de vivo, é (re)vestido de vivo, é inscrito no social (tra)vestido como um vivo. São chamados, também, por “bebês quase-reais”.⁵

Pela ótica e escuta psicanalítica, de acordo com Freud (2006 [1891]), o sujeito opera na linguagem (des)colando representações e objeto, ou seja, (des)locando e condensando, faz metáfora e metonímia, fazendo das palavras instâncias porosas e heterogêneas. Isso permite que os sentidos sejam polissêmicos, sejam outros, se instalem em determinado momento, funcionem, e sejam apagados em outro. A premissa é a de que o sujeito emerge pelo/no campo do Outro, campo da cultura em que se dão as transmissões dos valores (exterioridade) que irão atravessar o sujeito, dar corpo ao seu posicionamento no discurso (interioridade), fazendo jogar uma exterioridade que passa a ser interioridade e vice-versa, ora fazendo repetir o já-dito, ora irrompendo algo novo na tradição. A própria noção de discurso, como “efeito de sentidos” entre interlocutores (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 81) coloca em movimento esses sentidos que emergem com o sujeito conforme o lugar de onde ele enuncia e de como este é tomado pelo outro que o escuta/lê, feitos de interpelação e identificação com determinadas formações discursivas (FDs) e não outras. Pelo prisma discursivo, é suposto que o processo de naturalização de sentidos ocorra pelo trabalho da ideologia que opera na produção de evidências, chamadas de realidade/verdade pelo sujeito, naturalizadas para este, de forma a fazer simultaneamente um silenciamento necessário para que os sentidos possam emergir e se encadear de uma determinada forma, e não de outra: assim é possível ao humano “mortificar” o “vivo” e “avivar” o “morto”.

Assim, debruçamo-nos a coletar discursos postados na internet, em blogues e *sites* específicos da temática, a fim de observar a produção de sentidos (e silenciamentos) nesses intradiscursos e seus desdobramentos discursivos. Serão apresentados dois recortes de um *corpus* que permitem a circunscrição de nosso objeto de estudo na tessitura com os objetivos e com a teoria discursiva. A partir do ir e vir na teoria e no *corpus*, serão realizadas as interpretações, que preferimos chamar por gestos de leitura, considerando que na prática discursiva temos construções a partir de pontos de vista, o que significa dizer que não temos como discorrer sobre uma verdade universal ou uma interpretação unívoca, uníssona, mas uma interpretação que tem seus limites, seus silenciamentos, seus efeitos, suas incompletudes e, com isso, conservam a possibilidade de os sentidos virem a ser outros. Não outros quaisquer, mas ancorados historicamente de forma a dar sustento à língua que nela, na História, trabalha.

5 Essa designação aparece em algumas postagens em blogues e *sites* especializados e em um trabalho científico, da antropologia, feito no bojo da UnB, sobre o qual nos apoiamos para conhecer os processos de confecção e circulação dos *reborns*. Antropologia, aliás, que permite um diálogo com a AD, o que nos interessa nesse momento de tecer um trabalho na meada de M. Pêcheux, no entremeio de grandes campos e teorias, tais como a psicanálise, a linguística e a história.

Por uma e(labor)ação de uma praxis discursiva

“Tudo não se pode dizer” (GADET et al., 2011 [1982], p. 56). De acordo com as premissas pecheutianas, “em linguagem, as questões nunca estão já sempre respondidas. Elas retornam” (ORLANDI, 2011, p. 12). Nesse “campo aberto à reflexão”, continua a autora, temos uma “praxis teórica não servil”, o que nos autoriza a dizer que é uma praxis feita de uma reatualização da teoria em cada análise, e por cada analista, o que pode promover deslocamentos, incertezas, recapitulação da memória histórica (o mesmo) mas sulca furos que podem promover novos gestos de leitura do analista, pequenas reinvenções do cotidiano (ORLANDI, 2011, p. 12). Um analista promove uma leitura crítica, que convoca a opacidade da linguagem, os estranhamentos nas obviedades, um aprofundamento na escuta dos discursos (sejam eles cotidianos, não institucionalizados, sejam eles oficializados), pois tem a preocupação de observar o entroncamento da língua trabalhando na história e os atravessamentos inconscientes na estrutura da linguagem, na materialidade discursiva.

Esse espaço linguageiro em que emerge a AD reconhece a capacidade de construir temporariamente o unívoco como uma das propriedades fundamentais da linguagem, em que ela serve para comunicar, porém, diferente das ciências que trabalham nesse paradigma dos universais, a AD não ignora que “esse tipo de estabilidade (a língua como corpo de regras) autoriza ao mesmo tempo uma contínua ‘desestabilização’ da univocidade” (PÊCHEUX, 2011 [1982], p. 56), pois, ao comunicar, a língua serviria também para não comunicar (PÊCHEUX, 2009 [1975]). No referido texto de 1982, os autores sustentam em uma reflexão crítica, que a linguagem “é irredutível a uma ordem homogênea” (PÊCHEUX, 2011 [1982], p. 56). No presente trabalho, temos a oportunidade de apresentar enunciados que portam a ambiguidade em jogo de sentidos sobre a maternidade, que promovem seu deslocamento na história, sobre o real e o realismo da ficção. Era comum, por exemplo, antes da rebornagem, utilizar-se dos termos como “mãe”, “maternidade”, “adoção”, “maternagem” na emergência de um contexto familiar da esfera privada, fosse ele natural ou não (como as adoções feitas legalmente pelo discurso jurídico) em que se substantivava o ser mãe com todos os seus adjetivos. Agora, esses termos passam a significar de forma diferente, em contextos múltiplos, como nas condições de produção em que emergem “mamães” e “papais” de pets (cachorros, gatos, iguanas, etc.) e de brinquedos como os *reborns*. Assim avistamos a porção metafórica que essas designações podem suportar e fazer funcionar outras formas de discursivizá-las.

Para a AD e para a psicanálise, o repetível não equivale ao idêntico, ou seja, em cada repetição transporta-se o furo que suporta a não repetição. Dizer “mãe” não é nada óbvio e caricato se lançarmos um olhar sobre esse significante que pulula de lugar. Assim também tomamos os conceitos que serão aqui trabalhados, pois ainda que já tenham sido definidos e conjecturados nos mais diversos trabalhos acadêmicos da área, não podemos abrir mão de alguns deles com vistas ao *corpus* constituído e analisado: “a repetição, o hábito, é que possibilita trabalhar o deslocamento” (ORLANDI, 2007, p. 115), assim como perceber o silêncio constitutivo. Dessa forma, serão convocados alguns conceitos da AD pecheutiana, tais como o sujeito do discurso, ideologia e inconsciente, silêncio e silenciamento, interdiscurso e memória e condições de produção a fim de colocarmos em movimento, em discurso.

Esse sujeito da/na história, entre significantes do discurso ideológico e do discurso do inconsciente é um sujeito que não é reconhecível pelo discurso da ciência positivista cartesiana de forma imediata, pois não é empírico, ainda que se materialize discursivamente; não é quantificável, mas emerge em todo discurso e revela as formações ideológicas que sustentam as formações discursivas que regulam os sentidos possíveis e impossíveis a todo intradiscurso; não é, por fim, codificável como um DNA, pois sua materialidade é linguageira, discursiva. É um sujeito que fura com a ciência absolutista, pois ele é movente, errante, está na relatividade, nos entremeios, entre significantes, entre redes associativas que se (des)encadeiam e se (des)anelam, em uma dinamização ainda mais volátil nesta contemporaneidade em que a voz é projetada em imagem na tela de um aparelho eletrônico qualquer que sirva de suporte para conectar sujeito à grande teia mundial da WWW. Para ambas as teorias que nos apoiam é suposto que o sujeito tenha como sua grande marca a divisão que o inscreve no campo do simbólico (PÊCHEUX, 2011 [1984]).

Para Pêcheux (2009 [1975]), a forma-sujeito do discurso segue uma construção que desemboca na tentativa de diferenciar o sujeito-ego-eu, que é assujeitado, de uma posição sujeito que emerge no discurso. Questiona-se, em consonância com Pêcheux (2010 [1983], p. 303): “O sujeito seria aquele que surge por instantes, lá onde o “ego-eu” vacila?”. Desse percurso podemos extrair que o autor acolheu em suas elaborações algumas conjecturas psicanalíticas de cunho lacaniano, onde temos um ensino que inscreve o simbólico em um tripé enodado ao imaginário e ao real. Os efeitos desse nó borromeu composto de Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I.) podem ser observados na língua(gem) de onde decorrem os encontros e desencontros do sujeito empírico, que preza a unidade, clareza e transparência em sua relação com a língua (império do imaginário), com o sujeito do discurso (que emerge na língua de forma dinâmica, ou seja, considera o simbólico, pois é dividido por ele), rompendo com o unívoco devido às suas errâncias, de modo a promover uma constante desconstrução dos sentidos considerando as emergências do real (ŽIŽEK; DALY, 2006). R.S.I. estão no mundo, na medida em que o mundo se constitui de sujeitos da linguagem que ultrapassam a “toda” naturalidade para habitarem a “não toda” realidade discursiva.

A partir dos ensinamentos de Lacan, Didier-Weill (1998) pinça o momento ontológico em que emerge/configura-se o sujeito na linguagem, como efeito da linguagem, como produto de uma operação que liga o real, o simbólico e o imaginário, marcando que o que o antecede e o possibilita é o Outro, tomado nesse momento como tesouro significante (LACAN, 1998 [1964]), de onde emana um “há” e um “não há” significante. O “não há” emerge como trauma na significação do sujeito, fazendo com que o real seja aquilo que é impossível de se simbolizar, de ser apreendido simbolicamente, resta sempre como um “oco” (ROMÃO, 2012). Respondendo ao trauma, ou, tentando contornar esse buraco, vem o simbólico tecer a língua e o imaginário a selar uma camada de verniz de fantasia. Porém um só pode existir em relação ao outro, e essa é a estrutura triádica proposta por Lacan que ressoa no percurso de Pêcheux em sua elaboração de uma disciplina de interpretação. “Aí está o acontecimento da palavra em perpétuo desdobramento: palavras que se desenvolvem em palavras indefinidamente. Não precisamos pois ser seus guardiães, nem proteger sua abertura” (ORLANDI, 2007, p. 163).

A ideologia viria regular esses encontros com o real, criando uma espécie de barreira, de véu, de verniz de fantasia, como chamamos, criando um distanciamento, as-

sujeitando o sujeito em filiar-se a determinadas regiões de sentidos onde a evidência e naturalização de alguns sentidos e apagamentos de outros viriam sustentar:

[...] no nível da fantasia, exatamente aquilo que procura evitar no nível da realidade [...]. E uma das estratégias usadas para evitar enfrentá-lo é, precisamente, situá-lo como um ideal indefinido, que é eternamente adiado. Um dos aspectos do Real é que ele é impossível, mas o outro é que ele acontece, embora seja impossível de manter, impossível de integrar. (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 90-91)

O sujeito do discurso da *rebornagem* aparece, assim, como uma forma de evitar o verdadeiro encontro com o outro, restringindo-se às suas formações imaginárias, à fantasia de ser mãe, de reviver um momento mágico etc. Esses foram alguns dos efeitos da linguagem operando nesses sujeitos do discurso, um sujeito dividido e que se representa pela palavra em curso na história, atravessada pelo inconsciente, lançando à (info)maré traços e vestígios de sua passagem.

Haveria uma hipótese que nos leva às questões gerais diante do *corpus*: a de que essa prática silenciaria a criança e mãe de fato, pois em seu lugar ficam o boneco e sua pseudo-mãe, que brinca, a sério, muitas vezes, discursivizando esse objeto inanimado, como um sintoma de nossa contemporaneidade em resposta ao mal-estar na cultura produzido pelo discurso do capitalismo. Vivifica-se o morto, às custas de uma mortificação do vivo? Todo um mercado é movimentado a partir desses discursos, fomentado pelas redes sociais e *sites* de venda. As *reborneiras* fazem festas, encontros, apadrinhamentos etc. Nesses discursos, observamos a regularidade de alguns significantes, tais como real, realismo, perfeição, felicidade, enganar, brincar, maternidade etc., os quais tomamos como entradas discursivas para discutir e promover iniciais gestos de interpretação sobre essa temática, entrelaçada à teoria que sustenta essa tese. Para este trabalho, trouxemos a entrada discursiva sobre o engodo e o equívoco presentes nesses discursos.

Sobre a questão das condições de produção da contemporaneidade em que emergem os discursos sobre o universo *reborn*

Em nosso mote teórico-metodológico, as condições de produção “São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto”, de forma que elas constituem “parte da exterioridade linguística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico)” (FERREIRA, 2013, s/n). Nas primeiras definições de Michel Pêcheux sobre as condições de produção discursivas, na AAD-69, ele sustenta a seguinte hipótese, a de que:

[...] a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nestas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto e que são características do processo de produção colocado em jogo. (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 78)

O fundador da AD articula que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições dadas” e “deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos” (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 75-76). Com o estabelecimento das condições de produção, poderemos nos aproximar de como o sujeito do discurso se encorpa com esse “outro” que lhe é externo mas intimamente próximo, íntimo e interior, pois lhe constitui, lhe interpela, e é fonte das identificações pelas quais o sujeito se filia nas formações discursivas. De certa forma, as condições de produção vão determinar alguns sentidos possíveis, que vêm pela história, pela memória, e vão abrir brechas para os deslizamentos de sujeitos e sentidos se resignificarem da movência da linguagem.

As condições de produção dos discursos constituem não só a ocasião em que os discursos foram postados na rede, como é o caso de nosso *corpus*, ou como foram escritos, como se encadeiam a imagens, por quem, mas, de forma mais ampla e geral, pertencem a um contexto sócio-histórico que participa do mundo contemporâneo onde as aparências têm um papel fundamental. E mais, ainda: as aparências são postas em jogo nas infovias do ciberespaço de modo a movimentar o capital global, onde “a rede funciona como um grande shopping virtual com saúde financeira invejável” (ROMÃO, mimeo, aula do dia 27/04/2011). Esse imensurável *shopping* fiado em “nós” e “redes” baliza o comércio e mercadorização dos mínimos detalhes da sociedade, movimentando as relações econômicas (sejam afetivas ou financeiras), causando novos impactos e impasses que nos colocam em questão. Um dos braços bem marcados no tecido cibernético é o do excesso (para mais ou para menos, dependendo do ponto de vista), que nos remete para o que Mariani (2012) apresenta-nos como uma contradição nas atuais FDs fomentadas pelo capitalismo tardio:

[...] de um lado as mídias alardeiam o tudo dizer, o tudo consumir, o todo saber da ciência, o gozo de tudo; e, de outro, o esgarçamento dessa todificação, o furo no saber inscrevendo um nada comprometer-se, um nada saber e um nada afetar-se pelo outro. Nada e tudo, marcas do contemporâneo? (MARIANI, 2012, p. 57)

No “tudo dizer”, aparecem heterogêneas tagarelices avivando termos inimagináveis de serem aceitos em circulação até então, e, em rede, então, os exemplos são inúmeros: escreve-se de qualquer jeito, para qualquer um ver, e publica-se. A possibilidade de “tudo consumir” também alardeia outra ilusão pós-moderna tão sustentada nos solos áridos das fantasias capitalistas. Parece que o importante, para essa cultura marcada pela teia mundial é que se seja visto, onde a “‘invisibilidade’ seria sinônimo de inutilidade, de insignificância, de inexistência” (HAROCHE apud ORLANDI, 2012, p. 222). O universo *reborn* funciona ativamente com a mola propulsora da rede, em nichos do ciberespaço, onde acontecem as encomendas, as negociações, exposições, as partilhas de experiências na aquisição e cuidados com seu produto, o *reborn*.

Ainda é cedo para retroagirmos na história de forma a compreendermos de maneira geral sobre os efeitos da digitalização em nossas vidas, mas fica evidente (por naturalização ideológica) que a internet já funciona como um lugar-não-lugar onde características humanas valorizadas pela psicanálise, desde Freud, ganham expressão no social, e são as mesmas características que compõem o hipertexto na topologia cibernética: ele é fractal, asso-

ciativo, fluidificado, multilinear, interativo (ROMÃO, mimeo, anotações de aula do dia 27/04/2011) e quebra com a cronologia do tempo, que funciona de forma lógica (“O século que não dorme”). O ciberespaço configura-se em plena expansão, onde “cada nó se torna ele próprio um eixo a partir do qual novos nós podem brotar, quanto maior o seu número, maior a possibilidade de uma expansão ainda mais ampla” (WERTHEIM, 2001, p. 164) não é o que ocorre também ao humano, com sua multiplicidade de sinapses e associações?

O que já temos disposto na rede labiríntica oferta-se como fecundo material de análises, que funciona como um objeto simbólico que clama por interpretação, havendo, diante deles, um analista do discurso que se deixe afetar por eles. Vale retomarmos aqui os entremeios epistemológicos por onde esse analista circula para articular esses discursos aos três campos de interesse da AD: psicanálise, linguística e história: “Só uma articulação teórica desses três campos, para um analista do discurso, permite compreender, analisar e extrair consequências do fato de que, sujeito e sentidos não são um *a priori*” (MARIANI, 2012, p. 55), ou seja, é a partir das condições materiais que se constitui “o sujeito no simbólico e que se produz o efeito-sujeito como uma interioridade”.

Castells (2003) sinaliza a convergência de três fatores importantes que justificam a demanda social pela rede: 1) um novo momento da economia mundial que se abria ao final do século XX; 2) a ânsia social por liberdade individual; 3) os avanços exorbitantes da esfera computacional e das telecomunicações. Ao lançar um olhar para o fio histórico, portanto, duas grandes marcas aparecem nos funcionamentos discursivos que participam das atuais condições de produção: a primeira é que a sociedade contemporânea funciona em uma economia de mercado, o que promove a coisificação do sujeito, ou seja, (quase) tudo pode vir a ser produto de consumo imediato, e uma consequência disso seria uma planificação ou empobrecimento simbólico; e a segunda é que vivemos em uma sociedade do espetáculo (S.E.) (DEBORD, 1997), onde temos o império das aparências, um empuxo à ilusória criação de si mesmo, sendo essa S.E. produtora de um discurso cínico (onde o outro é renegado, a alteridade tende a ser solapada).

As formas históricas da interpelação ideológica atreladas ao discurso americano, vitorioso e dominante no desfecho da 2ª Guerra Mundial têm consequências no corpo, na língua e nos atos dos sujeitos que advêm filiados e identificados a esse discurso, que abarca todo um *savoir-faire* americano, o *life style* americano (o *American way of life*), que se baseia nos princípios de vida, que busca gozar da liberdade e da felicidade, mas que é traduzido equivocadamente pelo triunfo capitalista que propõe objetos de consumo para se alcançarem esses objetivos.

“Estamos no ponto em que o discurso dominante determina que não se tenha vergonha de seu gozo. Do resto, sim. De seu desejo, mas não de seu gozo” (MILLER, 2004, p. 139). Em uma sociedade em que a dissolução da vergonha se realiza, dá-se também a desfronteirização semântica que definia o que era uma criança, um adolescente, um adulto. Um dos efeitos que podemos observar, então, é essa desfronteirização discursiva que desloca o brincar da criança, socialmente esperado e aceito, para o brincar infantil, de um sujeito-adulto que faz-de-conta que é mãe, brinca e publica na internet fragmentos narrativos que contam como é ser uma “mamãe *reborn*”. Apresentaremos a seguir as sequências discursivas que ilustram este funcionamento discursivo que faz falar o engodo capitalista, o engodo da pseudo-maternidade, o equívoco que esta prática faz circular socialmente com seu discurso que vivifica o morto.

Postagens em partilha: o engodo em discurso

Tomemos os exemplos abaixo, duas sequências discursivas postadas na internet, em *sites* e blogues, em que são tecidos os sentidos de engodo, em que o equívoco do outro é causa do riso da “mamãe *reborn*”, como forma de reconhecer os “sítios de palavra” (ORLANDI, 2007, p. 163) em que o riso comparece em discurso. Copiamos os depoimentos em sua formatação original, por considerarmos que a escolha da morfologia do texto também pode contar na significação produzida por ele. Os gestos de interpretação relativos aos discursos serão apresentados em seguida.

SD (01): “Depoimentos de Mamães

Mamãe Tereza, nossa Mamãe Reborn, Parte 4:

“EU GOSTO MUITO DE PASSEAR COM OS MEUS BEBÊS, DE PREFERÊNCIA AQUELES QUE SÃO FEITOS DE MOLDES “MAIS FEINHOS”, COM “CARINHAS DE JOELHOS” E DE OLHOS FECHADOS, POIS ESTES ENGANAM MAIS GENTE, POR MAIS TEMPO E FAZEM MAIS GENTE SE APROXIMAR DE NÓS ! AÍ É UMA BAGUNÇA GERAL ! TODO MUNDO QUER PEGAR, TIRAR FOTOS ...E HOJE A MÁQUINA FOTOGRÁFICA É UM ACESSÓRIO DE PRIMEIRA NECESSIDADE NA MINHA BOLSA, POIS SEMPRE QUE SAIO COM OS MEUS BEBÊS, TIRO MUITAS FOTOS QUE USO PARA POSTAR NO MEU FLOG E ÀS VEZES NO ORKUT .

JÁ PASSEI POR VÁRIAS SITUAÇÕES ENGRAÇADAS, COMO A VEZ QUE PASSEI O MEU FILHOTE BRUCE E A MANU PELO RAIOS X NO AEROPORTO E O POVO ATRÁS DE MIM, SEM ENTENDER NADA, COMEÇOU A ME XINGAR DE LOUCA, OUTRA VEZ QUE NA RODOVIÁRIA PEGUEI UM TÁXI ÀS ONZE E MEIA DA NOITE E IA FAZER UMA CORRIDA MUITO PEQUENA ATÉ O HOTEL, QUE ERA PERTÍSSIMO DALI, E O MOTORISTA DISSE NA MINHA CARA QUE SÓ ESTAVA ME LEVANDO PORQUE EU ESTAVA COM AS BEBÊS (DALILA E DOMINGAS), MESMAS BEBÊS ESTAS QUE ME FIZERAM LEVAR UMA MULTA BRAVA POR “TRANSPORTAR CRIANÇAS NO BANCO DA FRENTE” . HEHEHE ! E NÃO TEVE CHORORÔ, POIS ENTREI COM RECURSO, QUE FOI JULGADO IMPROCEDENTE, ENTÃO PERDI O DINHEIRO DA MULTA E DO RECURSO ! EITA SÔ !”

Postado por Loh Barsand às 15:41 2 comentários

Depoimento copiado do BLOGUE DA MAMAE REBORN (Disponível em: <<http://blogdama mereborn.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 maio 2011.).

SD (02): “Dois homens me viram colocar um bebê no porta-malas do carro e ficaram me encarando. Devem ter pensado horrores de mim. Fui embora dando risada.” (Reportagem Marie-Claire)

Nessas SD (01) e (02) apresenta-se o discurso do riso, e ele discursiva e significa muito em ambas as situações, é um discurso perverso, no sentido psicanalítico, no qual ri-se da divisão do outro, do tombo do outro, onde a lógica do prazer acontece em curto-circuito, ele é centrado em si mesmo(a). Esses risos nos remetem a uma ressignificação pela malha histórica, ao momento em que a criança experimenta, em seu desenvolvimento psicosssexual, formular mentiras. Mentiras essas, que tanto lhe permitem construir uma individualidade, diferente da dos seus pais e demais referências, quanto dar vazão ao prazer de enganar o outro, em que experimenta o giro discursivo que expressa “quem sabe sou eu”, metaforizado em diversos contos e fábulas nos quais o “menor”, o “mais novo”, o “menos” – é mais esperto, rivaliza e ganha de seu oponente, que é “maior”, ou “mais velho”, que era “mais”, e nesta sequência, passa a ser “menos”, e por isso ele é risível. Goza-se da derrota

desse outro, goza-se da transgressão de um limite antes posto, que censurava ou interditava certos dizeres e fazeres.

Pensar discursivamente esses risos implica questionarmos: seriam situações engraçadas para quem? Qual seria a graça? Para que sujeito produz esse efeito de riso? Tomar discursivamente esses risos é pensá-los como produtos, ou como efeitos de discurso que provêm da lógica neoliberal dessa cultura em que impera o individualismo. As ofertas mágicas e soluções mirabolantes preveem enganar mais gente por mais tempo, para daí se extrair o maior lucro possível. Pode ser pela via do “mais científico”, do “mais rico(a)”, do “mais belo(a)”, trata-se, no discurso capitalista, de fazer valer a aparência, de vender mais, e vende-se o que aparenta. Esses risos traçam-se na via dos sentidos de um traço sacana, no qual o gosto em ver o outro se atrapalhar é o ganho extraído dessa enganação, é uma forma de tirar vantagem. O que o sujeito que ri não percebe, ou esquece (no sentido pecheutiano), é que, nesse prazer de enganar o outro, está recalcado o engano que ela se colocou quando comprou o boneco.

Na sequência discursiva (01), o sujeito se posiciona como oculto para fazer operar o engano atribuído ao *reborn*. Não é ela quem sai com um boneco feito de um “molde mais feinho”, “com cara de joelho” e “olhos fechados” e engana o outro que o vê. É o *reborn*, que, dada sua semelhança com um bebê real, com suas “imperfeições” marcadas pelo significante “feinho” e “cara de joelho” e “olhos fechados”, enreda o outro em sua teia de tapeações. De olhos fechados entra em cena o sujeito do discurso capitalista em seu engodo, que, dado à falha em satisfazer-se com o boneco, traz para seu jogo, sem que o saiba, portanto, também de olhos fechados, o outro, que só abre os olhos se percebe o engano. Onde entra esse eu em jogo, a alteridade é convidada a participar de forma nula, pois quem sabe das regras do jogo, o que é real e o que não é, é o sujeito-moi, o da consciência, que goza e porta o *reborn*; o outro resta como figurante da cena e como espectador. Segundo o 1º parágrafo da sequência discursiva (1), o outro reage se aproximando e perpetuando o viés da aparência: leva-se na brincadeira, na “pegadinha” (brincadeira popularizada pelos programas de televisão americanos e que chegaram ao Brasil se alastrando da mesma forma), registra-se o momento com fotos, divulga-se esse efeito de sentido no ciberespaço. Ri-se junto, depois.

No 2º parágrafo desta S.D. (1) aparecem outros sentidos: o outro revolta-se, por “não entender nada” e xinga a reborneira de louca por passar seus bonecos no raio X do aeroporto. Aqui o sujeito se posiciona mais uma vez do lado de quem porta o (+) e o outro (-), ela porta o entendimento de quem carrega bonecos, mas o outro não tem este entendimento, este outro “não entende nada”. O outro presta-lhe serviços (taxi) por tomar os bonecos como bebês. E o outro, representando a lei, o discurso jurídico, lhe aplica uma multa por tomar os bonecos como bebês que estavam sendo transportados no banco da frente do carro. É neste terceiro outro que escutamos a ruída do mundo mágico no confronto com a vida real, onde o riso não funciona mais como tentativa de manutenção de uma ordem social, a do imperativo do gozo, mas quando a lei faz barra como que lhe dizendo: “Tudo tem um limite!” “Você pode brincar na esfera privada, mas publicamente você acarreta consequências, provoca efeitos e precisa pagar por eles”.

O mágico funciona no mundo mágico, mas no jurídico não funciona: a consistência imaginária não sustenta a onipotência do discurso do sujeito: “não teve chororo”, nem no confronto com a criança real, com a perda do dinheiro com multas e recursos, não teve

jeito, a magia falhou e o real fez sua entrada instaurando o conflito entre o mundo mágico e o mundo real. Mas permanece o discurso do riso, efeito de gozar a qualquer preço, do engano, do se enganar, do mundo imaginário enganoso com simulacro de consistência de vida. Estar “na frente”, “sem cinto” recompõe a magia em outros termos, na cena de uma onipotência do sujeito que teria o auto poder de regeneração para continuar no jogo, sabendo-se que há uma normativa que zela pela proteção do automobilista e seus passageiros, e que proíbe o ir-e-vir de carro sem a utilização do cinto de segurança.

A sintética frase da S.D. (2) instaura o trabalho de antecipação imaginária (PÊCHEUX, 2010 [1969]) no qual o sujeito supõe que o(s) outro(s) (que são dois homens), tomado(s) pelo engodo, “devem ter pensado horrores” sobre ela. Mas ela não se detém aí, não fala de vergonha, de constrangimento, mas responde aos olhares em que supôs ler uma reprovação, indo embora. O sujeito narra que foi “embora dando risada”, revelando os vestígios do sujeito da pós-modernidade ocidental (e oriental também?) que indicia com seus gestos um “não tô nem aí pro que você pensa de mim”, fazendo um giro onde o Outro lhe constitui, onde o “*Che voi?*” lhe lançou um dia a produzir sentidos e tentar (co)responder a este Outro. É um discurso que nos faz interrogar quem são seus Outros, quem são os Outros que importam para esse sujeito que enuncia com descaso sobre esses outrinhos. Subverte ou transgride o que retomamos pela voz de Pêcheux (2010 [1969], p. 76): “Esta antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso”. Considerar o que imagino que o outro pensa de mim implica responder a isso de alguma forma: em atos linguísticos, corporais ou mesmo psíquicos. Este outro, aqui, não afeta o sujeito. Este responde com o cinismo, de forma a não se incomodar em zombar do outro. Dessa forma, poderíamos tomar este discurso como uma forma de compreender, em parte, o discurso cínico? Remetemo-nos aqui à reflexão esboçada de Lauro Baldini, em seu artigo “Discurso e Cinismo” (2012, p. 107):

[...] vários autores têm insistido, em obras recentes, no fato de que, para compreender o funcionamento da sociedade contemporânea, é preciso levar em conta o caráter cínico de seu funcionamento. Além disso, há uma compreensão de que é preciso levar em conta que tal funcionamento é solidário da transformação do laço social em uma forma perversa.

O cinismo pensado discursivamente incide no que Baldini (op. cit., p. 108) aponta sobre a passagem da “sociedade de produção, cujo fundamento é a repressão, para uma sociedade de consumo, cujo paradigma é o do imperativo do gozo”. Ele rememora que o fetichismo, desde Freud (1996 [1927]), “é um modo particular de relação dos sujeitos” (BALDINI, 2012, p. 108) com a angústia castração, uma resposta de saída do terceiro tempo do Édipo onde se afirma e em seguida se denega a castração. E assim, o autor sinaliza que:

[...] o desmentido fetichista é um mecanismo que permite dizer sim e não ao mesmo tempo, “a saber bem que é preciso aceitar a perda, mas mesmo assim recusar em consentir nisso, fórmula que pode ser resumida no “sei bem, mas mesmo assim” e que pode ser estendida ao funcionamento cínico do discurso. (BALDINI, 2012, p. 109)

Neste fio discursivo sobre o cinismo, Baldini (2012, p. 109) deduz que “o que pode estar ocorrendo na interpelação ideológica em sua forma atual é justamente uma modificação nesse engajamento pela vontade, fundado numa certa ética da convicção”, com a marca do cinismo, portanto. Não estamos aferindo que, das malhas de nossas

condições de produção capitalista neoliberal só se produza discursos cínicos, mas este traço de fato vem marcando alguns discursos, e parece ser o caso no exemplo do recorte selecionado na S.D. (2). Vinculada à constituição do sujeito do discurso, temos a constituição do sentido (BALDINI, 2012), o que nos leva a escutar esse discurso na conjuntura sócio-histórica do capitalismo pós-industrial da qual emanam esses valores capitalistas que fazem mortificar o sujeito e avivar o objeto, onde observamos a objetificação do outro, tomado nas histórias como um “nada importante”, como quem não faz diferença, como um mero espectador, que cria suas fantasias, mas estas não reverberam no sujeito do discurso que estamos analisando. O sujeito:

[...] sabe, mas finge não saber. O fetiche, que pode ter qualquer face, revela e escamoteia a castração, num mesmo movimento contraditório. Esse funcionamento fetichista da sociedade, a nosso ver, indica que há uma relação importante entre a sociedade de consumo e a sociedade especular, tal como Debord a concebe, pois é como fetiche que a imagem circula e é construída socialmente. É como se houvesse uma passagem, ou uma alteração no princípio ordenador da sociedade, de um registro simbólico para um registro imaginário. (BALDINI, 2012, p. 108-109)

Junto à narrativa do que ocorreu, o sujeito acrescenta uma impressão, uma interpretação, justamente porque o linguístico funciona em determinadas condições de produção. Ela sabe (ela porta o + aqui também) que colocar (ou parecer que se está colocando) um bebê num porta-malas de um carro é algo da ordem da loucura, ou de um discurso estruturalmente psicótico. Ela sabendo (com seu +) deixa o outro em posição de não saber (com um (-), então só lhes restam ficar encarando), e goza com isso, ri disso. Seu discurso significa à medida que ele é referido “ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 2010 [1969], p. 78). O jogo imaginário montado pela protagonista do discurso insere um objeto imaginário, “a saber, o ponto de vista do sujeito” segundo Pêcheux (2010 [1969], p. 82), que ela coloca na questão “Devem ter pensado horrores de mim”.

Considerações finais

Um objeto simbólico uma vez posto em circulação ativa a produção de sentidos, se encadeia aos já-ditos, e silencia tantos outros sentidos e já-ditos. Debruçarmo-nos sobre estes discursos sobre a rebornagem nos sensibiliza para a temporalidade da palavra, suspendendo e contemplando seu movimento pelo discurso e se abrindo ao novo. Dar-se conta desta inscrição sócio-histórica e do inconsciente no discurso permite ao sujeito se perceber em posições que significam e silenciam na malha histórica, para além de seu querer ou não querer. Aí encontra-se a possibilidade de uma transcendência, não no sentido espiritual, mas no sentido simbólico do termo, de uma escansão simbólica em que o sujeito passa a poder se dar conta de partes de seu discurso, passa a poder “traçar outros modos de contorcer, de brincar com os significantes recebidos do Outro” (CARNEVALE, 2012, p. 49), enfim, ocupar outras posições que não aquelas que linearizam o discurso, planificam ou esvaziam os sentidos do ser mãe, mulher, maternal, ser feliz etc.

Nosso trabalho intentou promover uma crítica para que a verdadeira política, a da *poli* ética, a da heterogeneidade discursiva seja colocada em jogo para que sujeitos possam emergir como sujeitos, operar como sujeitos, e fazer bascular o que se resume como aparência

de sujeito que o discurso que vivifica o morto promove em silenciamento (de)(e)feito maternidade. A crítica se faz necessária, de carona com Debord (1997[1967]), para que o mundo real não se transforme em simples imagens e estas não ocupem o lugar do vivo, pois a vida transcende o espetáculo, o imaginário, e como disse o autor sobre o sujeito alienado: “quanto mais ele contempla, menos vive” (DEBORD, 1997 [1967], p. 24).

REFERÊNCIAS

BALDINI, L. J. S. Discurso e cinismo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (Org.). *Discurso e...: ideologia, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faperj, 2012. p. 50-58.

CARNEVALE, A. M. O sujeito se constituindo via silêncio. In: JORNADA ENLACE ENTRE LABORATÓRIOS: LAS –CORPUS –E-L@DIS. 1, 2012: Niterói. *Caderno de resumos*. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2012. Disponível em: http://corpus.ufsm.br/enlace/livro_enlace.pdf. Acesso em: 20 set. 2013.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIDER-WEILL, A. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da análise do discurso: a posição do leitor-autor*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>>. Acesso em: 17 set. 2013.

FREUD, S. Anexo C: Palavra e objeto. Recorte da monografia de Freud sobre as afasias: “Zur Auffassung der Aphasien”, Wien. In: _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1915-1920*. Rio de Janeiro: Imago, 2006 [1891]. v. 2, p. 55-60.

_____. *Edição standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O futuro de uma ilusão. In: _____. *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996 [1927]. v. 21, p. 15-63.

GADET, F.; HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. (1982). Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011, p.55-71.*

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIMA, M. C. de A. “*Faz-se figura humanizada*”: reflexões acerca de bebês quase-reais. 2011. 102 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MARIANI, B. Análise do discurso e psicanálise. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (Org.). *Discurso e...: ideologia, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo) sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faperj, 2012. p. 50-58.

MILLER, J.-A. Sobre a honra e a vergonha. In: _____. (Org.). *Ornicar? De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. v. 1, p. 118-139.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. Ler Michel Pêcheux Hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 11-20.*

PATTI, A. *Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso*. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1983]. p. 307- 315.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1969]. p. 59-158.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação (a Análise de Discurso na França). In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1984]. p. 227-230.*

_____. Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2011 [1982]. p. 55-71.

_____. *Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

ROMÃO, L. M. S. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: ZANDWAIS, A.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). *Leituras do político*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, p. 155-172.

_____. O que falta (também) conta: não estar onde se espera. In: MARIANI, B.; ROMÃO, L. M.; MEDEIROS, V. (Org.). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 92-105.

WERTHEIM, M. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ŽIŽEK, S.; DALY, G. *Arriscar o impossível – Conversas com Žižek*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.